

ZEITGEIST: É TEMPO DE GRANDES MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS?

A ascensão de uma Nova Ásia e a consolidação de um “QUAD Asiático” informal – Rússia, Índia, China e Irã – desafiam a hegemonia global, redesenhando a geopolítica do século XXI e ditando o novo espírito do tempo nas relações internacionais.

Sylvio Pessoa da Silva*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

“Antigamente, os homens tinham a impressão de que eram criaturas efêmeras num mundo imutável; as pessoas viviam em terras que seus pais haviam habitado, trabalhavam como eles haviam trabalhado, cuidavam-se como eles foram cuidados, instruíam-se como eles se instruíram, rezavam da mesma maneira, deslocavam-se pelos mesmos meios.” – Amin Maalouf.

Em 1997, a Folha de São Paulo, no caderno Mundo¹, publicou um artigo com parte do pensamento do ex-secretário de Estado Henry Kissinger, no qual um dos homens mais influentes do mundo, na segunda metade do século XX, apontava para o

¹ “Kissinger comenta Oriente Médio”, artigo da Newsweek republicado pela Folha de São Paulo em 20 de janeiro de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/20/mundo/7.html>.

Orientes Médio como “a região de maior importância estratégica no século XXI”. As outras regiões de importância seriam a Ásia e os países da OTAN. Segundo Kissinger, em sua visão da época, “nunca se produziram simultaneamente tantas mudanças estruturais no sistema internacional”. Sinais então não tão claros foram identificados por um ator influente, atento observador e arguto estudioso das relações internacionais. Desde a invasão do Afeganistão (2001), até a guerra Israel-EUA-Irã, as previsões de Kissinger, do final do século XX, têm sido confirmadas?

A primeira vez que tomei contato com a palavra de origem alemã *zeitgeist* foi lendo *O Naufrágio das Civilizações*, uma obra focada nas incertezas destes tempos de mudanças profundas e impactantes. “O espírito do tempo” (*zeitgeist*) se refere às mudanças e posturas civilizacionais e, de certa forma, ajuda a explicar o início deste século.

O pensamento de Kissinger se conecta a obra de Amin Maalouf (2020) quando analisamos os dados do Banco Mundial² (BM) desde 2000, nos quais países como o Iraque e o Afeganistão, da mesma forma, apresentam dados socioeconômicos positivos, reforçando o que parece ser o novo pivô do mundo, a Ásia. Essa “dança das cadeiras”, iniciada nos anos 1990, demonstra a ascensão de países do Sul Global, com destaque para a Índia e a China. As locomotivas do mundo e seus principais vagões têm bandeiras concorrentes no atual cenário.

Esse protagonismo asiático ameaça a hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA) e seus aliados. No pós II Guerra Mundial, os EUA adquiriram exponenciais capacidades em todos os campos do poder (social, econômico, político, tecnológico e militar). Ao término da Guerra Fria, com a debacle da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ficou a impressão de fato consumado.

Nesse novo concerto das nações, foi observado o surgimento da Organização de Cooperação de Xangai e do BRICS (+), dos quais fazem parte Rússia, Índia, China e Irã (RICI). Essa realidade permitiu, por exemplo, que Bangladesh celebrasse o atingimento de novos índices econômicos. O país, recentemente, superou a Índia no que se refere à Renda Nacional Bruta (GNI, *Gross National Income*), segundo o *India Today Global*³, ao divulgar dados do Bangladesh Bureau of Statistics. O país teria atingido a renda de USD 3,200 *per capita* durante o ano fiscal 2025-2026, mais de 9% em relação ao período anterior. No mesmo período, o produto interno bruto (PIB) alcançou USD 501 bi. Pode parecer algo simples, mas sinaliza, como outros exemplos, que há um transbordamento nessa “nova Ásia”.

Essas alterações, com grande probabilidade, pesaram nos cálculos geopolíticos de

2 Disponível em: <https://data.worldbank.org/country>.

3 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vnj_EL-f9E8&t=1s.

Washington ao reavivar o Diálogo de Segurança Quadrilateral (QUAD), formado pelos EUA, Japão, Índia e Austrália, um arranjo importante que não tem avançado. Todavia, a região parece ter seu próprio QUAD apesar das disparidades. Este, não formalizado, mas que aparenta ter mais chances de envolver a região de forma diferenciada.

A Guerra EUA-Israel-Irã tende a resultar em mais uma mudança que favoreceria o continente e o QUAD asiático. O que parecia ser uma civilização a ser devastada tornou-se uma oportunidade para o Irã⁴. Ainda que não seja um acordo de paz, os riscos de um abismo econômico mundial, de um desastre político de e de um possível “pântano militar” tendem a reforçar o Memorando de Entendimento assinado pelas partes. Resta saber se haverá uma formalização do fim das hostilidades em todas as frentes, pois, eminentemente, a situação e a oposição israelenses não concordam com a assinatura do Memorando.

Retomando o foco no RIC, há diversos elementos que nos permitem pensar nesse QUAD Asiático como uma significativa arquitetura geopolítica (Tabela 1).

Rússia, Índia, China e Irã (RIC) como arquitetura geopolítica	
Elementos para reflexão	
De alguma forma, Irã e China apoiam a Rússia na Guerra na Ucrânia	
Desde que Xi Jinping assumiu o poder (2013), os presidentes da China e da Rússia se encontraram mais de 40 vezes	
Os quatro países possuem índices STEM (em português, ciência, tecnologia, engenharia e matemática) invejáveis	
China e Rússia apoiam o Irã na guerra, mas contribuíram para um entendimento, o que levou o presidente Trump a agradecer a “neutralidade” dos dois países	
Apesar de diferentes perspectivas, Rússia, Índia e China (RIC) estão entre as maiores economias do mundo	
Rússia e Índia tem dívidas públicas pouco alavancadas (não há dados disponíveis no site do BM sobre a China e o Irã)	
A soma das populações dos quatro países ultrapassa três bilhões de pessoas, um mercado impossível de passar despercebido	
Rússia e Índia possuem laços históricos e a primeira busca intermediar a solução pacífica dos problemas fronteiriços entre China e Índia	
A China tem capacidade de investir na Rússia, na Índia e no Irã como parte de sua projeção econômica e desejo de desconflitar seu entorno, priorizando a estabilidade	
A “Nova Rota da Seda” e o Corredor Norte-Sul precisam de um ambiente estável para se consolidarem	
A China necessita de apoio político na questão que envolve Taiwan, algo que Irã, Índia e Rússia (membro permanente do Conselho de Segurança da ONU) podem apoiar	
Um QUAD asiático criaria uma simetria com o QUAD original	
Rússia, Índia e China são potências nucleares	
Tabela: BLOG VELHO GENERAL • Fonte: Elaboração do Autor • Criado com Datawrapper	

Tabela 1: Elementos para reflexão sobre Rússia, Índia, China e Irã como uma “arquitetura geopolítica”.

A “Nova Ásia” alavanca muitos outros países além de Bangladesh e das grandes demografias. A Indonésia é um exemplo no radar de mudanças socioeconômicas, mas a maioria gravita, de uma forma ou de outra, em torno dos quatro vértices RIC, com destaque para RIC.

4 Para mais detalhes, veja “Guerra foi destrutiva para os iranianos, mas rendeu resultados políticos”, afirma especialista”, citando o professor Danny Zahreddine (Filipe Barini, O Globo, 21 de junho de 2026, disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2026/06/21/a-guerra-foi-destrutiva-para-os-iranianos-mas-deu-resultados-do-ponto-de-vista-politico-afirma-especialista.ghtml>).

Naturalmente, isso parece mais um rascunho em papel simples do que um arranjo em processo de maturação. Os conflitos entre Paquistão e Índia, e no Oriente Médio demonstram um longo caminho a percorrer, mas a proeminência política conferida ao Paquistão e o *status* do qual o Irã tenta se revestir podem auxiliar no congelamento das tensões entre Nova Délhi e Islamabad. A solução é complexa e exige um *status quo* de confiança antes da colaboração.

Com a tentativa de pôr fim ao conflito no Oriente Médio, a importância da Ásia ficou mais visível, com destaque para o ponto mais ocidental desse QUAD, pois o Irã demonstrou capacidade de agência impensável. Como resultado, os juros dos títulos do Tesouro Americano (T-Bonds) foram afetados, as políticas doméstica e internacional pressionaram as decisões do governo dos EUA, as reservas de petróleo e gás no mundo atingiram um nível muito baixo, os meios militares dos EUA no Oriente Médio ficaram desprotegidos, os inventários militares dos EUA e aliados atingiram um nível perigoso e os aliados dos EUA ficaram descobertos em boa parte do planeta. De certa forma, até o presente, é inescapável comparar esse conflito com a Guerra Russo-japonesa (1905).

Por fim, cabe esclarecer que este ensaio é fruto de leituras, diálogos, discursos e dados que nos levaram a estas reflexões. A verdade cabe a Deus e só o tempo poderá trazer alguma luz sobre as questões tratadas. Há muitos pensamentos contrastantes e dados desconhecidos que não podem ser desconsiderados. De qualquer forma, nestas linhas, o objetivo principal é chamar a atenção para esse QUAD Asiático informal que pode se tornar real, conforme o atual espírito do tempo.

**Sylvio Pessoa da Silva é coronel da reserva do Exército Brasileiro graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras. É pós-graduado em Logística pela FGV e em Relações Internacionais pela UFRGS, e mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Foi instrutor de Logística na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e na ECEME, comandou o 4º Depósito de Suprimento, foi assessor do Gabinete do Comandante do Exército e subchefe do Centro de Obtenções do Exército. Serviu em Angola (UNAVEM III) e no Haiti (MINUSTAH). Foi Adido de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutico no Líbano de 2017 a 2018. Foi analista do Centro de Estudos Estratégicos do Exército.*
